

O CONTEÚDO ÁFRICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: EXPERIMENTAÇÃO DE AÇÕES DIDÁTICAS EM TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Samara Santos do Nascimento¹
Anízia Conceição Cabral de Assunção Oliveira²

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre o conteúdo África no ensino de Geografia e sua importância para a valorização em sala de aula da construção da identidade afrobrasileira. O artigo irá explorar as vivências advindas da execução de ações didáticas em série do 9º ano do ensino fundamental composta pelos seguintes momentos: diagnóstico de conhecimento prévio; leituras dirigidas e promoção de debate; pesquisa e análise de imagens; oficina de pintura e produção de quadros; exposição das produções dos estudantes; identificação do conhecimento apreendido após o desenvolvimento das ações. A experimentação de sequência de ensino através de abordagens lúdicas, críticas e criativas permitiu que fossem promovidas discussões sobre questões importantes como cultura africana, colonização e escravização do homem africano, racismo, representatividade negra, identidade cultural afrodescendente, apresentando-se como possibilidade metodológica para o processo de ensino-aprendizagem do conteúdo África nas aulas de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Abordagens de ensino; Identidade cultural.

INTRODUÇÃO

A Geografia é uma disciplina escolar que oportuniza importantes reflexões em sala de aula sobre o continente africano. Ao possibilitar análises sobre os componentes físico-naturais e humanos que compõem as paisagens, sobre dinâmicas sociais e econômicas que se manifestam no espaço, sobre as questões culturais que marcam os territórios e dão singularidade aos lugares, a Geografia contribui enormemente para a compreensão do conteúdo África, sobretudo pela possibilidade de promover entendimento das características de identidade cultural africana, da problemática relacionada aos processos históricos, de desvalorização e discriminação racial, bem como, da relevância do papel do negro na construção das civilizações e do enfrentamento do racismo nas atuais sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, a Geografia Escolar assume importante papel no tratamento de problemáticas de dimensão socioeconômica, política, de cunho ambiental, além das que envolvem questões culturais,

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia, Campus Salvador. samara.emile@gmail.com;

² Professora do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia, Campus Salvador. aniziacaoliveira@gmail.com

como a importância da valorização do elo e do pertencimento identitário existente entre a população brasileira e o continente africano. Contudo, apesar da relevância deste tema nas aulas de Geografia, comumente o que se percebe é que poucos são os estudantes que sabem de fato algo sobre ele, muitos estudantes têm um olhar pejorativo sobre o continente. Outra questão preocupante é que muitos, mesmo sendo negros, não se reconhecem como parte da cultura africana ou afro-brasileira.

Diante da consideração desse tema como conteúdo socialmente relevante nas aulas de Geografia, é que nos interessa tratar neste artigo sobre o continente África e sua importância para a valorização em sala de aula do pertencimento, da identidade e da autoafirmação. O artigo irá explorar as vivências advindas do desenvolvimento de ações voltadas ao trabalho com o conteúdo África em série do 9º ano do ensino fundamental, pertencente a uma escola da rede privada, localizada no Bairro de Itapuã, Salvador-BA, no ano de 2019.

As atividades realizadas no espaço escolar buscaram contemplar a execução de sequência de ensino composta por momentos didáticos dedicados à discussão sobre a diversidade do continente, ancestralidade, cultura africana, racismo, processo de colonização, exploração e escravização do homem africano. Nesta experiência, houve a preocupação em realizar um diagnóstico do conhecimento prévio dos estudantes. Antes de serem realizadas as primeiras leituras e debates sobre as questões políticas, humanitárias, culturais, econômicas e os processos de colonização e escravização sofridos pelos povos africanos, foi solicitado que os estudantes verbalizassem sobre o que conheciam de África.

A identificação desse conhecimento prévio dos estudantes a respeito do conteúdo África foi um momento importante da iniciativa desenvolvida em sala de aula, uma vez que, ao ser verificado que havia olhares estereotipados, gerou-se a grande motivação para a experimentação de ações dedicadas ao envolvimento dos estudantes com a importância do tema nas aulas de Geografia, tendo servido assim para orientar as futuras ações. Considerando que nós brasileiros e, sobretudo, soteropolitanos vivemos na cidade mais negra fora da África³, faz-se necessário possibilitar a compreensão dos estudantes de que há fortes traços da representatividade cultural e fenotípica originária desse continente na formação do povo brasileiro.

Diante disso, é que se destaca o objetivo deste trabalho que é refletir sobre o potencial do conteúdo África nas aulas de Geografia para a formação identitária, plural e cidadã, mediante a análise da experiência advinda da execução ações didáticas em turma de 9º ano do ensino fundamental. Busca-se apresentar possibilidades de mediações pedagógicas para o processo de ensino-aprendizagem

³Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE, em 2017, 08 em cada 10 moradores de Salvador eram negros, ou seja, se autodeclaravam de cor preta ou parda fazendo com que município alcançasse o posto de capital mais negra do país possuindo também a maior diferença salarial entre brancos e pretos dentre as capitais brasileiras.

do conteúdo África através do relato das práticas realizadas em sala de aula no ano de 2019, que permitiram a experimentação de abordagens lúdicas, críticas e criativas.

METODOLOGIA

Todo o processo de desenvolvimento da proposta foi permeado por leituras e produção teórica, tendo sido fundamentado a partir das contribuições de obras de autores da Educação e da Área do Ensino de Geografia, sendo que, dentre as referências utilizadas, destacam-se as produções de Raquel Almeida Mendes e Alex Ratts (2019), Rafael Sanzio Araújo dos Anjos (2016), Paulo Freire (1987), (1996), Antônio Carlos Castrogiovanni (2010), Helena Copetti Callai (2016), Silvio Almeida (2018) e Milton Santos (1978).

A experimentação de possibilidades para o tratamento metodológico do conteúdo África em turma do ensino fundamental, contemplou 06 momentos de ação didática, os quais estão descritos no quadro a seguir (Quadro 01).

QUADRO 01 – AÇÕES DIDÁTICAS

	MOMENTOS	OBJETIVOS
1	Análise diagnóstica	Investigar/diagnosticar as percepções que os estudantes possuíam sobre o continente africano até aquele momento.
2	Leituras dirigidas, problematização e promoção de debate	Promover discussões sobre questões presentes no livro didático, visando explorar o conteúdo exposto na, agregando pesquisas em outras fontes e discussões pertinentes. Através das leituras, buscou-se problematizar questões mediante a promoção de debate, visando desenvolver análise crítica do conteúdo.
3	Pesquisa e análise de imagens que retratassem a positividade do continente	Apresentar e analisar imagens que retratavam as pluralidades culturais existentes; as riquezas minerais, vegetais e animais contidas no mesmo; personalidades que foram importantes nas lutas contra posse dos seus territórios e na defesa étnica, cultural e política.
4	Oficina de pintura e produção de quadros	Desenvolver produção e reprodução de desenhos e imagens, através do uso de telas, tintas e pincéis de várias cores e tamanhos.
5	Exposição das produções dos alunos	Expor os quadros e pinturas nos corredores e espaços da escola.
6	Análise do conhecimento adquirido após o desenvolvimento das ações	Discutir as novas percepções e opiniões dos estudantes sobre o continente africano. Este foi o último passo desse processo. Observar com cuidado as diferentes falas obtidas após as atividades realizadas, principalmente no que diz respeito aos pontos positivos, e validar a construção de um diálogo crítico visando a reestruturação dos saberes.

Quadro 01: Momentos das ações didáticas. Elaboração: Samara Santos do Nascimento 2021

A TEMÁTICA ÁFRICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Os professores de Geografia necessitam estar atentos à implementação de ações metodológicas em sala de aula que busquem promover reflexões importantes sobre temáticas que envolvem questões de valorização da identidade e da autoafirmação. As demandas existentes relacionadas a um ensino que aborde a diversidade, a pluralidade e as questões de identidade cultural exigem dos professores intencionalidades pedagógicas no tratamento de cada conteúdo e na utilização de materiais e de recursos didáticos, visando atender as necessidades de conhecimento e aprendizagem dos estudantes. Tais aspectos fazem destacar que cada profissional da educação deve ter autonomia para pensar e preparar suas aulas, estando atento à importância de um processo de ensino que possibilite aos estudantes a compreensão da realidade e problemáticas atuais, muitas das quais possuem origens históricas.

Mendes e Ratts (2019) afirmam que a formação do professor de Geografia na academia, com o tema voltado para as questões raciais e especificamente do continente África, é abordada de forma pontual, limitada e em datas específicas e históricas, esquecendo que existe uma obrigatoriedade fundamentada em lei específica. É possível perceber na leitura do artigo dos autores, a lacuna deixada pela grade de disciplinas ofertadas por algumas Instituições de Ensino Superior, pois o que se percebe é que existem muitos docentes e discentes em formação e até já formados que não passaram por um processo de desconstrução, e muito menos de empoderamento e apropriação da sua cultura e identidade afro-brasileira. Por esse motivo, não conseguem internalizar e perpetuar a importância do reconhecimento a ideologia e cultura negra e africana em sala de aula, deixando assim grandes lacunas e déficits de aprendizagem relacionada a ligação entre África e Brasil.

As leis 10.639/03 e 11.645/08 alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir no currículo oficial a obrigatoriedade das temáticas História e Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

A questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar de forma que seja permanente repensando os paradigmas, em especial os eurocêntricos, com que fomos educados. Não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de “coisificação” dos povos africanos. E a luta contra o racismo, em nosso país, vem possibilitando que sejam discutidos temas significativos para a compreensão de todo esse processo, mostrando a resistência dos africanos e seus descendentes, que não se submeterão a escravidão, que se rebelaram e que conseguiram manter vivas as suas tradições culturais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010. p.56)

Freire (1987) nos mostra a importância de não se praticar a educação bancária, o intuito é desenvolver um pensamento crítico, autônomo e libertador, que deve ser respeitado e valorizado pelos educadores e educandos, além de entender o estudante como o autor e

construtor das suas escolhas ideológicas, desde que lhes sejam possibilitadas todas as diversas aprendizagens existentes.

O desrespeito, o racismo e o preconceito devem ser combatidos na sociedade brasileira. Freire (1996) explica como o fator de negação a democracia é danosa e muito perigosa para a população brasileira e também mundial, e de como a mesma é ignorada pela supremacia branca preconceituosa em vários aspectos sociais, culturais, raciais, religiosos, de gênero e também de classe sociais. Tudo isso atrelado a deslegitimação e ao não reconhecimento existente no que diz respeito à democracia, muito menos ao reconhecimento de que vivemos em um país laico.

As grandes problemáticas existentes no continente africano chamam atenção para os processos de exploração econômica de bens materiais (matérias-primas), para os processos de expropriação cultural, religiosa (imposição da superioridade do catolicismo), racial (imposição da supremacia da raça branca), desvalorização e desrespeito às diversidades e identidades originárias.

Países colonialistas como Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, França, Alemanha e Bélgica retalharam o território africano dominando-o quase totalmente. A repartição feita só atendia aos interesses e ambições das potências colonizadoras, não levando em conta os problemas dos povos nativos. Desse modo tribos irmãs, ficaram divididas entre dois ou mais países. Pior do que isso: tribos com línguas e religião diferentes, e até inimigas acabaram juntas em um só território (BELTRAME 1975, apud ROSEMBERG 2012, p. 244).

Tais problemáticas também estão relacionadas à exploração de mão de obra, através da tríade indústria-capitalismo-desigualdade, tendo sido a partilha da África, um processo atrelado a manifestação da colonização e neocolonização, da negação dos direitos universais ao se assentar sobre práticas desumanas, perversas e racistas. O professor de História Ki-Zerbo (2010) contribui sobre o tema abordado ao tratar do olhar desvalorizado sobre o continente africano pelos seus opressores:

A História da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada pela “força das circunstâncias”, ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários e de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro (KI-ZERBO, 2010, p.32).

Diante da necessidade de superação de uma educação reprodutivista e desvinculada da realidade dos estudantes principalmente de escolas públicas, onde a maioria são negros, faz-se necessário compreender a importância e o papel do professor nesse processo, em como construímos as relações entre docentes e discentes, em como estão engajados em suas lutas

por uma educação libertadora, em como o professor não deve praticar uma educação bancária, opressora, limitadora e antidemocrática, e o educando em se permitir experimentar a construção de um indivíduo com consciência crítica e racional e com formação identitária, possibilitando a ampliação novas percepções, pensamentos e atitudes humanizadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experimentação de possibilidades para o tratamento metodológico do conteúdo África em turma do ensino fundamental, contemplou 06 momentos de ação didática, a saber: investigação do conhecimento prévio dos estudantes; leituras dirigidas, problematização e promoção de debate; pesquisa e análise de imagens sobre o continente; oficina de pintura e produção de quadros; exposição das produções dos alunos; análise do conhecimento apreendido após o desenvolvimento das ações.

A execução das ações iniciou-se com uma análise diagnóstica do conteúdo África, onde foi promovido um bate papo sobre o que os estudantes sabiam e conheciam sobre o tema. Tal iniciativa fez destacar o fato de que alguns estudantes se referiam ao continente africano com um olhar de superioridade e indiferença, onde um dos pontos principais abordados foi o período da escravização sofrida pelos africanos.

A partir dessas análises pôde-se perceber a existência de uma estranheza de alguns com relação ao tema da unidade, pois a maioria deles não se identificava com a realidade ali posta, além de reproduzir olhares estereotipados, que quase sempre eram pejorativos e desvalorizadores, como por exemplo: um lugar que só há pobreza, fome, doenças, misérias, escravos, guerras, HIV, entre outras problemáticas que são veiculadas pelas mídias e causadas pela hegemonia branca eurocêntrica e exploratória, além de se perceber que tinham um discurso positivo apenas, quando se fazia relação à savana africana do filme Rei Leão e ao filme Pantera Negra.

Após o primeiro momento, deu-se início ao desenvolvimento de leituras e discussões dirigidas onde se buscou explorar os tópicos relacionados ao tema África presentes no livro didático de Geografia, Manual do educador, do 9º ano, do fundamental II, da editora Sucesso, de autoria de Carlos Alberto Chopinho, no ano de (2017). Muitos aspectos presentes no livro serviram como ponto de partida para a provocação de discussões em sala. Com o desenvolvimento das leituras, foi possível promover discussões sobre questões sociais, econômicas, políticas, histórico-culturais, de cunho físico-natural. Os principais aspectos explorados, muitos deles surgidos a partir da leitura do livro foram:

- Características climáticas, enfatizando a predominância de que 20% do território africano é tomado pelo deserto do Saara e pelos desertos da Namíbia e do Kalahari, sendo o Saara o maior do planeta, e que continua em expansão, por causas antrópicas e naturais,
- Diversidade natural, com destaque para a savana africana e suas peculiaridades e vida animal, para a ilha de Madagascar e suas palmeiras africanas, ilhas como Cabo Verde, para curiosidades como o deserto do Saara já ter abrigado o maior lago de água doce do mundo, o Lago Chade.
- Características hidrográficas visando abordar a grande dimensão do Rio Nilo e sua exuberância e importância, no que diz respeito ao transporte hidroviário, pesca, irrigação e geração de energia, e de tantas outras utilidades para a população que vive em torno dele e do Rio Níger, do Rio Congo, do Rio Zambeze e do Rio Orange, bem como a importância dos mares e oceanos, como o canal de Suez, o mar Mediterrâneo, o mar Vermelho e os Oceanos Atlântico e Índico, responsáveis pela limitação do território e as fronteiras aquáticas que ligam o continente a outros continentes.
- ⊖ Regionalização da África, buscando explorar a divisão das cinco regiões do continente (África Setentrional, África Meridional, África Central, África Ocidental e África Oriental) e também a divisão a partir de critérios naturais (deserto do Saara como divisor natural) e humanos e, fator cultural, em especial a religião como critério para a divisão entre a África Mediterrânea, situada ao norte do deserto do Saara e a África subsaariana.
- ⊖ Aspectos humanos, índices demográficos, quantitativo de população (continente bastante populoso, abrigando cerca de 1,3 bilhões de habitantes).
- ⊖ Aspectos que tratam dos processos de colonização, neocolonização, sobretudo europeia, com destaque para os índices de desenvolvimento humano, as disparidades de renda entre brancos e negros e os índices de pobreza verificados em países como: Ruanda, Etiópia, e Angola, visando também abordar fatores como disputas territoriais entre as diferentes etnias, conflitos internos como golpes de Estado, guerras civis e genocídios em massa, questões religiosas, como as que mostram que 25% dos africanos pertencem a religiões tradicionais, 32% são cristãos, 40% muçulmanos e 3% de outras religiões.

- ⊖ Questões relacionadas a intervenções de tropas da ONU e ou dos EUA visando problematizar o discurso do controle dos “rebeldes” em suas manifestações, guerras civis, ataques e golpes.
- ⊖ Sobre o tráfico dos africanos que foram escravizados, questão bastante conhecida por nós brasileiros, já que o Brasil foi um dos países que mais tempo permaneceu com o processo de escravização.

Também foi possível debater com os alunos questões sobre os conflitos gerados a partir do processo de descolonização, como o Boko Haram, formado em 2002, organização radical da Nigéria, conhecido também como grupo radical islâmico, que tenta combater as ações de influência europeia nas religiões africanas. É importante para a formação de novos conceitos e saberes dialogar com os estudantes alguns pontos, partindo da ideia de que é necessário desmistificar muitas visões, mostrando várias formas de compreender esse processo, os verdadeiros motivos que os levaram a terem esse tipo de comportamento e atitudes, pois através das mídias, as informações ficam muitas vezes obscuras e mal esclarecidas. Nesta etapa, os educandos se mostraram intrigados com essa questão de terrorismo, cabendo ao professor problematizar os motivos pelos quais eles agem assim e analisar as consequências.

Sobre a discussão relacionada a falência dos estados africanos, que teve como marco os acontecimentos pós - Guerra Fria, buscou-se tratar de processos da globalização voltados à questões como, lógica capitalista, interesses das multinacionais e grandes corporações, perda de interesse e direcionamento para espaços específicos, problemática de desqualificação de mão de obra, manutenção da exploração das riquezas.

Após o segundo momento, que abarcou 2 aulas, fez parte do momento seguinte a pesquisa e análise de imagens que retratassem a positividade do continente. Este momento envolveu três semanas seguintes (totalizando seis aulas):

a) na primeira e segunda aula, os estudantes levaram um esboço (em forma de desenhos, figuras ou imagens), onde demonstraram neles as perspectivas positivas de um olhar agora diferenciado sobre o continente, essas imagens/figuras/desenhos foram de pessoas, adereços, personagens, paisagens, personalidades, fauna, flora e até bandeiras, além de qualquer outra coisa que os motivaram na busca desse novo olhar sobre a África.

b) Na terceira e quarta aula, eles levaram esses mesmos esboços, só que desenhados em uma tela de pintura, e também foi solicitado tintas e pincéis de várias cores e tamanhos para que assim pudessem começar em sala a pintar tais telas e dar “vida” aos quadros.

Valendo salientar que era uma turma composta por 32 estudantes, sendo a que os professores e funcionários da escola se queixavam bastante quanto ao comportamento, mas, especialmente nestes dias, o que se via ali era um ambiente tranquilo, onde era possível detectar sorrisos, calma, troca de materiais, elogios e gentileza entre eles.

A seguir, alguns registros fotográficos da etapa de oficina de pintura, onde fica visível a busca em retratar as perspectivas positivas do continente África (Quadro 02).



Quadro 02: Exemplos das produções de desenho e pintura dos alunos. Fonte: Samara Santos do Nascimento, 2019.

c) No quarto dia, nas aulas de número cinco e seis, ocorreu o momento de exposição das pinturas. As produções dos estudantes foram expostas na recepção da escola para que todos os pais, os colegas de outras turmas, os funcionários, os professores e visitantes pudessem contemplar e admirar o trabalho feito pela turma e entender as abordagens ali intencionadas.

Um cartaz de apresentação foi elaborado para a exposição, o mesmo anuncia a disciplina de Geografia e reforça que elementos e técnicas da disciplina de Artes foram introduzidos para a realização do projeto.

Beleza, vida, simbologia, representatividade e diferentes paisagens foram elementos contidos nos quadros. Em cada quadro e cor utilizada houve demonstração de como eles se empenharam, se dedicaram, e o mais importante, como eles compreenderam os objetivos propostos. Os trabalhos realizados representam a visão e singularidade de quem os produziu, potencializando o aprendizado e valorizando a produção individual.

A seguir, segue quadro contendo registros do momento da exposição dos trabalhos feitos pelos estudantes (Quadro 03).



Quadro 03. Exposição das produções dos alunos. Fonte: Samara Santos do Nascimento, 2019.

Os quadros são mais que simples pinturas na aula de Geografia, são obras de arte, representam ancestralidade, identidade cultural, respeito étnico e reconhecimento. O sentimento é de orgulho, satisfação e realização, tanto pela beleza contida nas diferentes telas,

quanto por perceber nos rostos e nas falas dos estudantes um sentimento de pertencimento e de valorização da identidade africana.

d) Na última etapa, todos retornaram para sala de aula, onde foi possível realizar, não mais um diagnóstico de conhecimento prévio, mas sim uma investigação dos novos conhecimentos adquiridos pelos estudantes nesse processo de ensino-aprendizagem sobre o continente África, atrelado ao novo olhar que eles agora tinham sobre o mesmo.

Após a finalização do projeto foi possível perceber mudanças nas falas, construções de novas opiniões com consciência crítica e coerência, como reconhecimento identitário, e aceitação cultural e étnica. Ao retornamos para a sala de aula, foi traçado um novo diálogo sobre todo o caminho percorrido, toda metodologia desenvolvida, e a partir daí, foi possível perceber um novo olhar, agora alguns tinham o entendimento desta relação, desse elo existente entre África e Brasil, e o mais importante, da aceitação das suas raízes e das ligações ancestrais que possuem com a África e com a população afrobrasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intencionalidade dessa proposta foi de buscar trabalhar o conteúdo de África nas aulas de Geografia de forma mais lúdica, interessante, esclarecedora e respeitosa. Ter o cuidado de destacar as ações que foram pensadas e executadas, visando promover uma abordagem mais atrativa e prazerosa para os estudantes, já que buscou favorecer a percepção de como é importante o reconhecimento cultural e geográfico na vida de qualquer cidadão, independente da etnia. Entender o quanto somos e temos diversas culturas, obtidas nesse processo de miscigenação entre brancos e negros também é importante, e que quando se faz uso desse entendimento, percebemos referências específicas existentes e reais ligadas a essa ancestralidade africana e afro-brasileira, e que ainda, a mesma também nos pertence e é o nosso lugar de fala, pois essa hereditariedade está intrínseca na nossa história e na nossa sociedade.

O desenvolvimento das ações permitiu observar que os estudantes ampliaram os olhares e desenvolveram reflexões importantes sobre as questões trabalhadas, se compararmos o antes e depois do processo, pois o desenvolvimento da prática e as discussões envolvidas permitiram que os mesmos fizessem suas próprias análises, tecessem suas críticas, avaliassem os acontecimentos, principalmente na questão do pertencimento e reconhecimento identitário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

ANJOS, R. S. A. Geografia, cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia**, v. esp. cartogeo, p. 332-350, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/85558/88347>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação continuada. **Alfabetização e diversidade. Orientação e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010. 260 pg; il.

CALLAI, H. C. P.; In: **Movimentos para ensinar Geografia – oscilações** / organização de Antonio Carlos Castrogiovanni [et al.]. – Porto Alegre: Editora Letra1, 2016. 312p.

CASTROGIOVANNI, A. C. **O estágio continuado e a (re)construção de fazer pedagógico - um constante desafio**. Uni-pluri (Medellin), v. 10, p. 45-50, 2010.

CHOPINHO, Carlo Alberto. **Geografia manual do educador**, 9º ano ensino fundamental, Sucesso, Sistema de ensino. Recife, Pernambuco. 2017.

KI-ZERBO, J. (org). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. (1ª edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998.

MENDES, R. A.; RATTTS, A. O lugar da África no ensino de Geografia. Anais: **XIII ENANPEGE**. São Paulo, 2019. Disponível em http://www.enanpege.ggf.br/2019/resources/anais/8/1562639374_ARQUIVO_MENDES_RA_TTS_TRABALHOENANPEGE.pdf. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

ROSEMBERG, A. L. F. **A África e suas representações no(s) livro(s) escolar(es) de Geografia no Brasil-1890 a 2003**. São Paulo 2012.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a geografia crítica**. São Paulo. Hucitec-Edusp, 1978, 285 p.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE: Salvador é a capital mais negra do Brasil Disponível em <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2018/11/19/ibge-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-tambem-onde-esta-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/> Acesso: 25 de maio de 2021.